

Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 10, Fonte e Forma Crítica

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Estivemos examinando a hermenêutica e a interpretação bíblica na última sessão, e o veremos hoje, em questões relacionadas à crítica histórica, e dissemos que a hermenêutica, tanto de forma lógica quanto histórica, avança e se move através das três fases principais de comunicação que se concentra no autor e nas questões históricas e nos antecedentes que produzem o texto, passando então para abordagens centradas no texto, onde o significado é encontrado dentro do texto, e, finalmente, para abordagens centradas no leitor, onde o leitor é o principal responsável pelo significado e pelo texto e pela compreensão do texto. Mas estivemos olhando para a primeira fase, que é a abordagem histórica, a crítica histórica. Sob isso, dissemos que a crítica histórica é uma espécie de guarda-chuva onde está incluída uma série de tipos de estudos, como olhar para o autor e o contexto histórico de um livro, os leitores originais e suas circunstâncias, referências históricas específicas dentro do texto, mas também queremos considerar e apenas começar a considerar as três outras abordagens que se enquadram e que se enquadram nas abordagens de tipo histórico, e a primeira é a crítica da fonte que introduzimos muito brevemente na última sessão, e dissemos que a crítica da fonte é uma metodologia que tenta ir além do texto e descobrir as fontes escritas, os documentos que os autores utilizaram em suas próprias composições, e olhamos para um texto em particular, Lucas capítulo 1, versículos 1 a 4, onde o autor parece claramente estar dependente de fontes anteriores, fontes escritas até certo ponto.

Observamos exemplos no Antigo Testamento em que os narradores confiam e até indicam explicitamente a sua confiança em fontes, em fontes escritas, mesmo que essas fontes não estejam mais disponíveis. Mas por causa disso, a crítica das fontes desenvolveu-se como uma tentativa de descobrir ou reconstruir as possíveis fontes escritas que estão por trás dos documentos do Antigo Novo Testamento tal como os

temos, e assim a suposição é que os autores bíblicos confiaram em fontes históricas e confiaram em diferentes fontes escritas. para sua própria composição. Utilizar ou dar alguns exemplos do Antigo e do Novo Testamento de crítica de fontes e como ela se desenvolveu e como funciona, e então talvez dizer algumas coisas a título de avaliação do método.

Em primeiro lugar, o Antigo Testamento, já consideramos e já mencionamos o Livro de Crônicas, por exemplo, quando discutimos o fato de que autores posteriores do Antigo Testamento às vezes pegam escritos e textos anteriores do Antigo Testamento e os reinterpretem e os reafirmam para sua finalidade. próprios leitores. Primeiro e Segundo Crônicas parecem então tomar material de Primeiro e Segundo Reis como fonte, embora o autor novamente o use para seus próprios propósitos, mas Primeiro e Segundo Reis parecem ser uma fonte na qual o autor de Primeiro e Segundo Crônicas se baseia. para sua própria escrita. Por exemplo, quando você compara, para utilizar um texto sobre o qual falaremos mais tarde também, mas quando você observa Primeiro e Segundo Crônicas e a relação também com outro documento ou outro livro, especialmente Primeira Crônicas e Capítulo 17, começando com o versículo 10, eu te declaro que o Senhor construirá uma casa para você.

Quando os seus dias acabarem e você for morar com seus pais, farei surgir um dos seus descendentes para sucedê-lo, um dos seus próprios filhos, e estabelecerei o reino dele. Ele é quem construirá uma casa para mim, e eu estabelecerei o seu trono para sempre. Eu serei seu pai e ele será meu filho.

Nunca tirarei meu amor dele como tirei de seu antecessor. Eu o colocarei sobre a minha casa e sobre o meu reino para sempre. Seu trono será estabelecido para sempre.

E então o versículo 15 conclui dizendo: Natã relatou a Davi todas as palavras de toda esta revelação. Você provavelmente reconhece aquela linguagem que acabei de ler em outro texto, que é Segundo Samuel capítulo 7, onde em Segundo Samuel 7, 14, e os versículos que precedem esse Segundo Samuel 7, 14, faz parte da aliança que Deus faz com Davi falando através do profeta Natã. Mas se você voltar e ler os dois textos juntos, Segundo Samuel 7 e depois Primeira Crônicas 17, notará que o texto em muitos lugares é virtualmente idêntico e muito semelhante, de modo que, novamente, muito provavelmente um dos livros funciona como uma fonte para o outro.

O autor, um dos autores, baseou-se no outro como fonte para sua própria composição. Mas retomaremos este texto para demonstrar, e isso entra em um dos outros métodos conhecidos como crítica de redação. Os autores, porém, quando utilizam suas fontes, eles as usam para seus próprios propósitos e suas próprias intenções, e esse é um método posterior que discutiremos, a crítica de redação, faz a pergunta: como o autor utilizou a fonte? Como o autor de Crônicas pegou suas fontes e agora as usou para seus próprios propósitos e para sua própria intenção? Mas o objetivo aqui é demonstrar que, devido à semelhança de palavras e até mesmo de conteúdo, obviamente os autores bíblicos adotam e utilizam fontes anteriores, até mesmo fontes bíblicas mais antigas, em sua própria composição.

Talvez o exemplo clássico nos estudos do Antigo Testamento venha da narrativa da criação nos capítulos 1 e 2 de Gênesis, e na verdade isso poderia ser estendido para incluir todo o Pentateuco, os primeiros cinco livros do Antigo Testamento. Gênesis 1 e 2, porém, para focar apenas em um aspecto dos primeiros cinco livros do Antigo Testamento, Gênesis 1 e 2 são um relato de duas narrativas diferentes da criação, duas histórias diferentes da criação, e o que é intrigante é que voltando ao -back você teria duas histórias que são muito semelhantes, mas também revelam diferenças distintas. Por exemplo, nos capítulos 1 e 2, alguns estudiosos notaram a

diferença de estilo ou a diferença na ordem na forma como as diferentes partes da criação são registradas.

Eles também notaram os diferentes nomes usados para Deus nos capítulos 1 e 2, e por causa disso, alguns no início do apogeu da crítica das fontes, e ainda hoje você às vezes encontra isso acontecendo, os estudiosos do Antigo Testamento estão convencidos de que eles podem isolar duas fontes separadas por trás de Gênesis 1 e 2 nos diferentes relatos da narrativa da criação, e então um autor posterior tomou essas duas fontes e agora as reunirá em seu próprio relato. Novamente, esta visão foi estendida a todo o Pentateuco. Você deve ter ouvido falar da conhecida teoria JEPD.

Essas letras J, E, P e D são letras destinadas a rotular quatro fontes separadas que existem em todo o Pentateuco e, por exemplo, J sendo o primeiro nome de Yahweh, e presumivelmente houve um autor que escreveu, especialmente usando o nome de Yahweh, que escreveu uma fonte a partir de uma determinada perspectiva, e a letra D, por exemplo, representa a perspectiva Deuteronomica, que alguém que escreveu a partir da perspectiva do Livro de Deuteronômio compôs partes do Pentateuco. Portanto, a questão é que, historicamente, você tem quatro fontes separadas que foram escritas por autores e, novamente, os estudiosos as rotularam de fonte J, fonte E, fonte D e, em seguida, fonte P, o P expressando a perspectiva sacerdotal, por exemplo, e os estudiosos foram convencidos de que poderiam isolar quatro fontes distintas, e foram ainda mais longe, e dataram-nas e forneceram até um cenário para a composição original destas fontes, mas agora, muito mais tarde, um autor pegou essas quatro fontes separadas e as uniu no que temos como a forma final que chamamos de Pentateuco. Meu objetivo não é, embora eu não subscreva isso necessariamente, meu objetivo não é avaliar isso, mas obviamente você pode começar a ver algumas das questões que podem surgir, isto é, por quais critérios isolamos as fontes, e curiosamente, alguns dos critérios que estudiosos anteriores usaram para isolar fontes são usados por outros para demonstrar a unidade do texto.

Além disso, às vezes parece-me beirar a especulação começar a reconstruir uma data hipotética e uma comunidade ou situação hipotética que deu origem à fonte, etc., etc., por isso o meu principal objectivo é apenas demonstrar como a crítica da fonte tem sido usado na tentativa de isolar fontes escritas subjacentes que um autor posterior adquiriu. Novamente, às vezes em livros como Crônicas, Reis e Samuel, parece haver uma relação definida entre os documentos. Um parece ter funcionado como fonte do outro.

Quando se trata do Pentateuco, porém, isso é mais hipotético. Ninguém tem acesso à existência do JEPRD, ao contrário do fato de que temos Primeiro e Segundo Reis, e temos Samuel, e temos Crônicas, ou temos referências dentro de Reis do autor apelando explicitamente aos anais do Rei de Judá , ou algo assim. Mas a crítica das fontes desempenhou um papel nos estudos do Antigo Testamento ao isolar, analisar e reconstruir as fontes subjacentes do texto do Antigo Testamento.

Você também pode começar a ver que, por mais valor que isso possa ter, a crítica das fontes deu lugar ao método que mencionamos um pouco antes, a crítica da redação que se concentra mais não tanto na reconstrução das fontes, mas no fato de que devemos lidar com o texto como o temos. O que temos é todo o Pentateuco e, portanto, em última análise, devemos lidar com esse texto, em vez de simplesmente com as fontes hipotéticas que podem ser isoladas ou analisadas e que parecem agora estar incluídas na composição final. No Novo Testamento, o exemplo clássico de crítica das fontes são provavelmente os Evangelhos Sinópticos, os três primeiros Evangelhos, Mateus, Marcos e Lucas.

E a razão para isso é muito semelhante à situação de Reis e Crônicas e Samuel. Os três primeiros Evangelhos em particular, embora João seja muito diferente em alguns dos materiais que contém, no texto e na linguagem usada, os três primeiros

Evangelhos, Mateus, Marcos e Lucas, parecem indicar algum tipo de relação entre os três, no entanto, explicamos isso. Então, quando você olha para Mateus, Marcos e Lucas, você percebe que não há apenas uma semelhança de conteúdo no que diz respeito aos eventos da vida de Cristo que são registrados, e às palavras e ensinamentos de Jesus, mas eles ocorrem de uma forma ordem aproximadamente semelhante, às vezes uma ordem idêntica, mas mesmo além disso, quando você começa a comparar Mateus, Marcos e Lucas, o texto é virtualmente idêntico em alguns lugares, e em tal grau que se algum dos meus alunos produzir artigos, artigos de pesquisa, que concordassem em ordem e redação na mesma medida que os Evangelhos Sinópticos, eu suspeitaria de algum tipo de colaboração e algum tipo de empréstimo que um dos alunos deve ter emprestado de outro, ou talvez ambos tenham emprestado de um documento semelhante, ou um artigo de pesquisa anterior semelhante.

Para lhe dar apenas um exemplo, e os Evangelhos Sinópticos estão cheios deles, em Mateus capítulo 3, 7 e 9, compararemos um texto de Mateus capítulo 3 e Lucas capítulo 3 também. Em Mateus capítulo 3 e versículos 7, quero ler de 7 a 10. Mateus 3, 7 a 10, Mas quando ele viu muitos dos fariseus e saduceus vindo até ele, vindo para onde ele estava, ele, que é Jesus, disse para eles: raça de víboras, quem os advertiu para fugir da ira vindoura? Produzam frutos condizentes com o arrependimento e não pensem que podem dizer a si mesmos: Temos Abraão como nosso pai.

Digo-vos que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. O machado já está posto à raiz das árvores, e toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Agora ouça Lucas capítulo 3 e 7 a 9. João disse às multidões que saíam para serem batizadas por ele: Raça de víboras, quem vos advertiu para fugir da ira vindoura? Produzam frutos condizentes com o arrependimento e não pensem que podem dizer a si mesmos: Temos Abraão como nosso pai.

Digo-vos que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. O machado já está posto à raiz das árvores, e toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Em ambos você tem João Batista, acho que disse Jesus com Mateus, mas em ambos você tem João Batista falando aos fariseus, e observe que assumindo que a tradução em inglês que acabei de ler captura o texto grego em ambos casos, observe que a redação era idêntica, não apenas nas palavras citadas, mas até mesmo em algumas apenas da própria narrativa.

Agora, quando os estudiosos leem algo assim, surge a questão: como explicamos isso? Como explicamos as semelhanças entre Mateus, Marcos e Lucas? Novamente, João é muito diferente, mas Mateus, Marcos e Lucas, como explicamos as diferenças? Novamente, não pelo fato de eles apenas registrarem os mesmos eventos e às vezes na mesma ordem, mas o texto é quase idêntico. Como isso deve ser explicado? Bem, a maioria dos estudantes do Novo Testamento tentou explicar isso devido a algum tipo de relacionamento, ou, por exemplo, uma explicação é que Mateus, Marcos e Lucas provavelmente tiveram acesso à mesma fonte, ou talvez até à mesma tradição oral. Ou seja, todos os três dependem do mesmo conjunto de informações que lhes foi transmitido.

Essa é uma possibilidade. No entanto, o fato de a redação ser tão próxima levou os estudiosos a postular uma relação literária entre os três. Às vezes falamos sobre a visão fundamental da inspiração há várias sessões.

Alguns diriam que é porque estão inspirados que os três escrevem de forma semelhante. O problema é que isso não explica algumas das diferenças encontradas entre Mateus, Marcos e Lucas. Então, como explicamos isso? A visão mais popular é a de fonte crítica.

Isto é, que um dos sinópticos, Mateus, Marcos ou Lucas, funcionou como fonte para os outros dois. Isto é, dois dos escritores dos Evangelhos estão tomando emprestado do outro. E isso deu origem a uma série de teorias que não pretendo entrar em muitos detalhes.

Mas uma questão muito popular no início, que ainda é, acho que remonta a Agostinho, e ainda é defendida por alguns hoje, é que Mateus foi escrito primeiro. E que Lucas e Marcos então pegaram emprestado de Mateus, utilizaram Mateus como fonte. Agora, obviamente, especialmente Lucas tem muito material que não está em Mateus, e Marcos tem um pouco de material que não está em Mateus.

E Lucas tem muito material que você não encontra em Marcos. Então, obviamente, Luke adicionou informações. Se você voltar ao capítulo 1, 1-4, onde ele tem conhecimento de relatos de testemunhas oculares e outros documentos, Lucas obviamente inclui parte de seu próprio material que não está em Mateus ou Marcos.

Mas essa era uma explicação muito comum. Mateus escreveu primeiro, Marcos e Lucas utilizaram Mateus. E também houve algumas outras teorias.

Mas o que quero focar brevemente é a explicação mais comum que provavelmente a maioria dos estudiosos e estudantes do Novo Testamento defendem é o que é conhecido como prioridade marciana. Isto é, o Evangelho de Marcos teria sido o primeiro escrito, e Mateus e Lucas teriam utilizado Marcos, independentemente um do outro. Portanto, não devemos imaginar Mateus e Lucas sentados juntos, ambos utilizando Marcos, mas independentemente um do outro, Mateus e Lucas teriam uma cópia de Marcos e teriam usado esse Evangelho como base para o seu próprio.

Novamente, você encontra Mateus e Lucas incluindo muitas informações que não estão em Marcos. Mateus tem muitas parábolas que você não encontra em nenhum

lugar de Marcos. Lucas tem muitas parábolas que você não encontra em Marcos ou Mateus.

Tanto Mateus quanto Lucas têm o Sermão da Montanha. Você não encontra isso em nenhum lugar de Mark. Portanto, a teoria é que Mateus e Lucas usam Marcos, mas também incluem outro material que, segundo Lucas, pode ter vindo de outros documentos e fontes escritas, e provavelmente veio também de depoimentos de testemunhas oculares.

E se a autoria de Mateus é Mateus, discípulo de Jesus, então sem dúvida Mateus teria ele mesmo visto muitos desses eventos e os teria testemunhado. Portanto, a maioria concorda que Marcos foi escrito primeiro, e Mateus e Lucas teriam utilizado Marcos. Algumas das razões para isso é que quando você compara os três, a maior parte do Evangelho de Marcos, quase todo ele, aparece tanto em Mateus quanto em Lucas.

Ao passo que se você assumir que Mateus foi escrito primeiro, então Marcos acaba excluindo muito material de Mateus, porque Mateus é um pouco mais longo e inclui muito mais material. Então você vê se Marcos, se Mateus foi escrito primeiro, e Marcos utilizou Mateus ou Lucas, então ele deve ter deixado de fora muito material. Mas se Marcos foi escrito primeiro, então é lógico que a maior parte de Marcos, não tudo, mas a maior parte, seria encontrada em Mateus e Lucas.

E esse é um dos argumentos para a prioridade de Mark. Alguns outros argumentos são Mateus e Lucas, às vezes, parecem ser mais suaves do que Marcos. Enquanto Marcos pode ser um pouco mais curto ou mais áspero na gramática, ou na maneira como ele registra as coisas, Mateus e Lucas parecem ser mais suaves, e a sugestão é que é mais provável que Mateus e Lucas tivessem suavizado lugares em Marcos que consideravam ásperos .

Ou às vezes parece que Mateus e Lucas podem ser mais claros teologicamente. Isto é, algumas áreas onde Marcos pode dizer algo que poderia ser mal compreendido teologicamente, a respeito da divindade de Cristo ou algo parecido, a pessoa de Cristo. Mateus e Lucas parecem suavizar isso.

Mateus e Lucas quase nunca, quando ambos se referem a Marcos, ou quando ambos fazem paralelo com Marcos, eles nunca parecem se desviar disso, ou se desviar um do outro na maneira como se referem a Marcos. Então, novamente, meu objetivo não é montar um argumento, mas simplesmente demonstrar por que alguns estudiosos pensam que, e que mais uma vez emergiu como provavelmente a visão mais comum do relacionamento entre Mateus, Marcos e Lucas, é uma visão crítica da fonte que postula Marcos como a fonte original. Marcos foi o primeiro evangelho escrito e funcionou como fonte para Mateus e Lucas.

Mateus e Lucas teriam então tido acesso a Marcos e utilizado a maior parte de Marcos na produção de seus próprios evangelhos. Mais uma vez, ambos tiveram acesso a outros materiais e outras fontes através de relatos de testemunhas oculares. E novamente, como diz a tradição, o Evangelho de Mateus foi de fato escrito por Mateus, o discípulo de Jesus.

E só um aparte importante, os títulos dados aos evangelhos, o Evangelho de Mateus, o Evangelho de Marcos, o Evangelho de Lucas, esses não faziam parte originalmente dos documentos. Estes foram acrescentados posteriormente pela Igreja como uma tentativa de identificar quem eram os autores desses evangelhos. E se eles são confiáveis, e eu acho que você pode argumentar que eles são, se eles são confiáveis, então, novamente, Mateus sem dúvida teria se baseado em sua própria experiência de testemunha ocular da vida de Jesus e dos ensinamentos de Jesus.

Mas sem dúvida teriam tido acesso a outro material que também teriam incluído. Outra coisa interessante a dizer, apenas para completar o quadro, de modo que se você vir essa terminologia, você saberá o que ela está fazendo, é que você frequentemente encontrará estudantes do Novo Testamento se referindo a Q, a fonte Q. Basicamente, o que isso significa é que Q é simplesmente a primeira letra da palavra alemã para fonte, e é uma palavra usada para descrever e se referir ao material que Mateus e Lucas têm em comum, mas que você não encontra em Marcos.

Como, por exemplo, tanto Mateus quanto Lucas têm um relato do nascimento de Jesus, mas você não o encontra em nenhum lugar de Marcos. Marcos salta direto para João Batista e para o ministério inicial de Jesus. Mas tanto Mateus como Lucas têm um relato do nascimento e da primeira infância de Cristo.

Lucas tem um pouco mais do que Mateus sobre a primeira infância de Jesus. Tanto Mateus quanto Lucas têm um relato do Sermão da Montanha. Marcos não.

E às vezes esse material tem uma redação muito próxima novamente, de modo que muitos estudiosos do Novo Testamento pensam que Mateus e Lucas também tiveram acesso a outra fonte que eles rotularam de Q. Então Mateus e Lucas usam Marcos, mas eles também tiveram acesso, de acordo com este visualizar, para outro documento. Alguns diriam que é um documento, outros diriam que não sabemos se foi um documento ou não, mas ainda assim a letra Q representa o material que Mateus e Lucas possuem, como o Sermão da Montanha, mas você não encontra em Marcos. Então Q seria uma fonte mais hipotética à qual eles acham que Mateus e Lucas tiveram acesso.

Mas com base em tudo isso novamente, a maioria concluiria que Marcos foi o primeiro evangelho escrito e depois Mateus e Lucas utilizaram Marcos, mas também

outro material, talvez este Q, seja ele qual for, seja um documento específico ou um conjunto de ensinamentos e informações. que tanto Mateus quanto Lucas tiveram acesso e depois utilizaram isso em seus próprios ensinamentos. Novamente, às vezes os estudiosos são um pouco criativos ao sugerir uma comunidade que criou Q e uma situação, até mesmo localizando geograficamente de onde ela pode ter vindo e a teologia de Q e a situação que ela estava abordando, o que acumula especulações sobre especulações. Não temos certeza se o Q era um documento real ou não, então às vezes esse tipo de coisa pode correr solto ou um pouco errado.

Mas os evangelhos sinópticos, como acabei de explicar, parecem ter sido o principal ponto de partida e de entrada da crítica das fontes no Novo Testamento. E isso novamente por causa das semelhanças entre os evangelhos sinópticos, foi necessária uma explicação e a maioria está convencida de que existe uma relação literária. Um deles forneceu a fonte para os outros.

E novamente, o mais comum é que Marcos foi escrito primeiro e foi a fonte dos outros evangelhos. A crítica das fontes, na verdade, se espalhou para além dos evangelhos sinópticos. Embora às vezes, quando você lê tratamentos do Antigo Testamento, da crítica das fontes do Novo Testamento, você pode ter a impressão de que o único lugar onde isso pode acontecer é nos evangelhos sinópticos.

Li vários artigos sobre crítica de fontes que não falam sobre crítica de fontes fora dos sinópticos, Mateus, Marcos e Lucas. Mas outros foram mais amplos e sugeriram que outros autores do Novo Testamento podem confiar em fontes. Assim, por exemplo, alguns sugeriram nas epístolas de Paulo que às vezes ele também pode estar usando fontes ou materiais pré-existentes.

Dois dos exemplos mais proeminentes e conhecidos, embora debatidos, ocorrem em duas cartas de Paulo, uma delas aos Colossenses e a outra aos Filipenses. Vou ler o

mais comum, talvez, e o mais conhecido, do capítulo dois de Filipenses. Mas Filipenses, capítulo dois, bem no meio do capítulo, contém este conhecido hino de Cristo, onde Paulo diz: Quem, sendo Deus na própria natureza, não considerou a igualdade com Deus algo a ser apreendido, mas fez-se nada, tomando a própria natureza de servo, feito à semelhança humana e encontrado na aparência de homem, humilhou-se e tornou-se obediente até a morte, até a morte de cruz.

Por isso Deus o exaltou ao lugar mais alto e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor para a glória de Deus Pai. Agora, curiosamente, mesmo na tradução em inglês que estou vendo, e nem todas as traduções em inglês fazem isso, mas a tradução em inglês que estou vendo apresenta esses versos de uma forma poética, em forma de verso. E alguns talvez tenham refletido o fato de que alguns pensam que Paulo pode estar citando um hino pré-existente.

Agora há debate, alguns estão convencidos de que não, o próprio Paulo escreveu isso, mas outros pensam que ele pode estar pegando emprestado um hino que já circulava e era utilizado na igreja primitiva. O outro texto, o outro texto clássico, é Colossenses 1:15 a 20, que não leri agora, mas o outro hino de Cristo bem conhecido que alguns especulam pode ser um hino antigo que o próprio Paulo está citando. Novamente, aquele que foi utilizado pela igreja e que circulou na igreja primitiva, e agora Paulo o usa como fonte para sua própria composição.

Novamente, é difícil dizer, e os estudiosos debatem se esse é realmente o caso. A outra fonte possível, outro exemplo de uma possível questão crítica de fonte no Novo Testamento é o relacionamento entre 2 Pedro e Judas. Quando você lê 2 Pedro e Judas, fica claro que eles contêm material muito semelhante, quase na mesma

medida em que Mateus, Marcos e Lucas são semelhantes tanto na ordem quanto no conteúdo, mas também no texto.

Portanto, tem havido um debate sobre qual poderia ser a relação, por exemplo, entre 2 Pedro e Judas. Uma teoria comum é que Judas foi escrito primeiro, e o autor de 2 Pedro então utilizou o material de Judas em sua própria composição, mas também incluiu outro material. Novamente, a maioria pensa que é porque a maior parte de Judas está incluída e incluída em 2 Pedro, então eles acham que é mais provável que 2 Pedro usasse Judas e incluísse quase tudo do que Judas usaria 2 Pedro e deixaria muito de isso.

Assim, a crítica das fontes vai além dos meramente sinópticos, mas outros estudiosos exploraram a possibilidade de fontes escritas, fontes por trás de outras partes do texto do Novo Testamento. Um último exemplo no Novo Testamento que pode ser frutífero para a crítica das fontes, na medida em que sua capacidade de revelar insights interpretativos, é uma das passagens mais difíceis, creio eu, do Novo Testamento, e novamente meu propósito não é tentar resolvê-lo. ou fornecer uma explicação detalhada, mas a passagem bem conhecida em 1 Pedro capítulo 3, bem no final do capítulo 3, começando com o versículo 18, nela apenas algumas pessoas, oito ao todo, foram salvas pela água. E vou parar por aí, mas essa passagem fez com que vários estudantes do Novo Testamento arrancassem os cabelos ao tentar explicar o que está acontecendo e o que exatamente Cristo está fazendo.

Uma explicação dada é que o autor de 1 Pedro está se baseando na história, nas obras apocalípticas, em obras apocalípticas como Apocalipse e Daniel, mas em uma obra apocalíptica em particular que parece ter sido bem conhecida, embora não esteja incluída nas Escrituras. , novamente uma obra apocalíptica sendo um visionário, um relato narrativo da visão de alguém, alguém ascende ao céu e tem visões celestiais e previsões do futuro, etc., em linguagem altamente simbólica. Um

apocalipse bem conhecido que não está no Antigo nem no Novo Testamento foi o livro de 1 Enoque, e na literatura de Enoque você encontra uma série de referências à história de Gênesis capítulo 6, a história do dilúvio, que começa descrevendo os filhos do homem descendo e co-habitando com as filhas dos homens, os filhos de Deus vindo e co-habitando com as filhas dos homens. Em 1 Enoque, isso é entendido como uma referência aos seres angélicos que deixaram seu lugar de autoridade, e agora eles são retratados como sendo por causa do que os seres angélicos fizeram em Gênesis capítulo 6, nos dias de Noé, eles agora são retratados como sendo aprisionado nas trevas e aguardando o dia do julgamento.

E alguns sugeririam que essa é a fonte ou o pano de fundo para o que lemos neste texto que li em 1 Pedro capítulo 3, e alguns sugeririam que Pedro teve acesso a 1 Enoque e seu relato e sua interpretação da história de Gênesis 6. Então, o que isso significa, interpretativamente, é que não teríamos que nos preocupar muito com o que está acontecendo literalmente neste texto e onde todas essas coisas estão acontecendo, mas de acordo com essa explicação, Pedro pode estar apenas se baseando em um relato ou história apocalíptica comum para demonstrar a vitória de Jesus sobre os poderes do mal. Novamente, meu objetivo não é julgar essa interpretação neste ponto, mas simplesmente dar um exemplo de como a crítica das fontes pode fazer diferença na forma como se lê o texto, e demonstrar como a crítica das fontes, mesmo no Novo Testamento, varia fora apenas dos Evangelhos sinópticos. Novamente, duas observações a título de avaliação.

Um que já mencionei, número um, um dos perigos que penso na crítica das fontes é, pelo menos da forma como alguns intérpretes a utilizam, que às vezes a abordagem pode ser especulativa, especialmente quando não temos a fonte disponível, especialmente quando estamos tentando reconstruí-lo. Pode ser um pouco mais fácil em escritos como os Evangelhos sinópticos, embora mesmo aí tenhamos de ter cuidado para não dar demasiado peso a qualquer teoria de uma relação, mas parece

certo que um dos Evangelhos funcionou como fonte para o outro. Mas, por outro lado, em momentos em que não temos a fonte disponível, às vezes pode ser especulativo sugerir que um escritor se baseou numa fonte e fez esta ou aquela alteração, ou mesmo entrar em detalhes sobre onde essa ou aquela mudança ocorreu. fonte pode ter vindo, a data, o cenário, a teologia dessa fonte.

E isso está relacionado à minha segunda observação. No final das contas, ainda temos que lidar com o texto tal como o temos. Mesmo que os autores do Novo Testamento e do Antigo Testamento se baseiem em fontes anteriores, o que de fato acontece, e por mais que a compreensão e a reconstrução dessas fontes possam nos ajudar a entender o que está acontecendo, como penso que o primeiro texto de Pedro 3 é um bom exemplo de que, ao mesmo tempo, ainda temos de lidar com um texto final.

Um autor pegou essas fontes e as colocou na forma de um texto para comunicar seus propósitos. Isso agora começa a nos levar a outra crítica que já mencionei, que é a crítica de redação, que começará a focar mais no produto final e no texto e no que o autor fez ao elaborá-los. Portanto, às vezes, a crítica das fontes pode ser de grande ajuda na identificação das fontes que podem ter contribuído para a composição do próprio autor e na compreensão de como o autor as utilizou.

Mas, por outro lado, temos de evitar a especulação e, em última análise, temos de nos concentrar no texto tal como está. Agora, a crítica das fontes historicamente, especialmente nos estudos do Novo Testamento, mas histórica e logicamente, a crítica das fontes então meio que deu lugar ou deu lugar ao surgimento de outra forma de crítica conhecida como crítica da forma. Basicamente, a crítica da forma é, como a crítica da fonte, uma tentativa, pelo menos parcialmente uma tentativa, de ir além do documento escrito do Novo e do Antigo Testamento, de recuperar,

descobrir as formas individuais, especialmente as orais, que chegaram ao final. composição.

Assim, o que a crítica de forma muitas vezes faz, ela olha para os documentos e isola as formas e tenta traçar a sua história oral. Como, onde esse formulário se desenvolveu? Olhando para unidades individuais no texto, formas individuais. Dado o que encontro, posso determinar a configuração dessa forma e como essa forma se desenvolveu, o que agora resulta no que encontro no texto do Antigo e do Novo Testamento.

Portanto, você pode ver que a crítica de um formulário geralmente tem facetas diferentes. Pode estudar as formas individuais no texto, as unidades individuais e a sua forma e a sua forma e a sua função, mas também pode estudar o cenário original dessa forma e a sua tradição oral e o seu desenvolvimento até ao momento em que foi incluída no texto. É por isso que digo que a crítica da forma também é, em alguns aspectos, um esforço histórico, na medida em que muitas vezes tenta descobrir o período oral da transmissão da forma até ao momento em que foi incluída no texto escrito.

Porém, como veremos, provavelmente o aspecto mais frutífero da crítica da forma, creio eu, é isolar, não isolar, mas identificar as unidades e formas individuais dentro do texto e o que são e como funcionam e como funcionam. fazer a diferença na interpretação. Mas deixe-me dar-lhe novamente alguns exemplos do Antigo e do Novo Testamento no que diz respeito à crítica de forma e como ela pode funcionar. E, novamente, meu objetivo nem sempre é necessariamente sugerir que concordo com esses exemplos ou avaliá-los, mas apenas demonstrar como a crítica da fonte ou a crítica da forma podem funcionar.

No Antigo Testamento, a crítica da forma desenvolveu-se de forma mais proeminente nos Salmos, onde um estudioso da revista chamado Herman Gunkel foi capaz de identificar certas formas dos Salmos e classificá-las e discutir o seu contexto e a sua função e coisas assim. Uma abordagem comum para formar crítica no Antigo Testamento e, na verdade, há uma série de comentários interessantes e às vezes úteis, chamados Formas de Literatura do Antigo Testamento, que seguem uma abordagem de identificação de quatro características de uma forma. Ou seja, olhando para a estrutura da forma, como ela é montada e como está estruturada, depois olhando para o gênero, que tipo de rotulagem da forma, com o que estamos lidando, que tipo de forma é essa? Então, olhando para a configuração possível da forma, que configuração teria dado origem a uma forma como esta? E daremos um exemplo daqui a pouco.

E então a intenção, qual a função ou finalidade dessa forma? O que ele está tentando fazer? Por exemplo, deixe-me dar um exemplo de um formulário comum que usamos nos Estados Unidos, e tenho certeza de que isso também é verdade em outros lugares: uma lista de compras. Olhando para essas quatro características, se eu pegar uma lista de compras, você notará a estrutura dela, a lista de compras tem uma estrutura única. Não inclui narrativa e explicação, geralmente é simplesmente uma lista de itens que novamente podem ter uma explicação muito limitada, mas é apenas uma lista de itens com muito pouca gramática, ou novamente, sem prosa ou narrativa, mas apenas uma lista simples em vezes muito longo de itens.

O gênero então dessa estrutura seria uma lista de compras, esse seria o rótulo, o rótulo de gênero que damos a esse tipo de formulário que simplesmente dá uma lista de itens que alguém compraria em um supermercado, principalmente alimentos. A terceira coisa, o cenário, o cenário de uma mercearia. Como vou ao supermercado, criarei uma lista e, portanto, o cenário será uma ida ao supermercado para comprar mantimentos para a próxima semana, mês ou qualquer outra coisa.

E, finalmente, a intenção é simplesmente me lembrar do que comprar quando chegar à loja. E da mesma forma, as formas podem ser tratadas ou examinadas dessa forma, mesmo no Antigo Novo Testamento. Assim, por exemplo, para os salmos, não é novidade que existem diferentes tipos de salmos.

Mesmo em um nível muito básico, você aprende que existem salmos de louvor, existem salmos de lamento, etc., etc. Um salmo muito comum, e todos esses salmos surgem dentro da vida de adoração da nação de Israel e foram utilizados em várias configurações. Um salmo muito comum é um lamento, um salmo de lamento.

Tem uma estrutura muito comum, a maioria deles tem uma estrutura comum, começando, número um, com uma invocação a Deus. Número dois, o lamento em si, que é basicamente uma descrição de como as coisas estão ou ficaram ruins. Depois, o número três, uma expressão de confiança do salmista.

Número quatro, uma petição. E depois cinco, muitas vezes terminando em voto, onde o salmista faz uma promessa a Deus de responder à sua oração. Outro tipo interessante de salmo é conhecido como salmos entrantes.

Há um exemplo disso no Salmo capítulo 15. Embora, novamente, haja vários deles, o Salmo capítulo 15, eu acho, fornece um exemplo interessante de um salmo iniciante. Começa, Senhor, quem poderá habitar no teu santuário? Quem poderá morar na sua colina sagrada? Aquele cuja conduta é irrepreensível e que pratica o que é justo, que fala a verdade de coração, não tem calúnia na língua, que não faz mal ao próximo e não lança calúnia ao próximo, que despreza um homem vil, mas honra aqueles que teme ao Senhor, que cumpre o juramento mesmo quando dói, que empresta o seu dinheiro sem usura e não aceita noiva contra o inocente.

Aquele que faz essas coisas nunca será abalado. E observe como este salmo está estruturado. Começa com uma pergunta do adorador número um: Senhor, quem pode habitar no seu santuário? Quem poderá morar no seu santo monte? E então o resto do salmo de dois a cinco é uma resposta a essa pergunta na forma de estipulações para entrada no santuário e entrada no monte santo de Deus.

O cenário para isso então pode ser a chegada real ao templo dos adoradores quando eles vieram adorar a Deus. E então a intenção seria estipular os requisitos para aqueles que se aproximassem do templo para participar do culto. Outra forma comum que você encontra para sair dos salmos, mas você encontra isso particularmente na literatura profética, é o que é conhecido como narrativa de chamada do Antigo Testamento, que você encontra particularmente no início de alguns dos profetas.

Mas há outro exemplo intrigante nos primeiros capítulos do Êxodo na vida de Moisés. Uma narrativa de chamado profético era basicamente um relato de Deus aparecendo e confrontando um indivíduo na história de Israel, um profeta ou alguém como Moisés, e comissionando-o e chamando-o para o serviço. E assumiu uma estrutura interessante e parece haver uma estrutura comum quando você começa a comparar as narrativas das ligações.

Você encontra um em Isaías capítulo seis. Você encontra outro nos capítulos um e três de Ezequiel. Você também encontra, como acabei de mencionar, um nos três primeiros capítulos do livro de Êxodo, onde Deus aparece aos indivíduos e os chama e os comissiona para o serviço.

Agora, a estrutura da narrativa do chamado do Antigo Testamento parecia incluir a maior parte de todos ou a maior parte do seguinte. Número um, um confronto com Deus, onde Deus confrontaria e Deus apareceria para a pessoa. A segunda seria a

comissão de Deus, onde Deus realmente comissiona ou chama o profeta ou pessoa para uma determinada atividade ou determinado serviço, seguido pelo número três, a objeção do profeta.

Então você se lembra de Isaías, ai de mim, sou uma pessoa de lábios impuros. Ainda mais extensivamente no relato do Êxodo, quando Deus comissiona Moisés, ele apresenta uma série de respostas, uma série de objeções, e não apenas uma. As objeções são então seguidas por uma garantia de Deus, número quatro, que supera a objeção.

E então, número cinco, um sinal é dado. E especialmente o chamado de Moisés em Êxodo um a três inclui tudo isso. O que é interessante então é que isto sugere que a comissão de Moisés é a comissão de um profeta.

Moisés está sendo visto como um profeta que agora está sendo chamado e comissionado por Deus. O cenário então talvez fosse o antigo requisito para que os mensageiros mostrassem suas credenciais. E então a intenção da narrativa do chamado profético seria autenticar a mensagem e atividade profética.

Então tudo o que Moisés faz e diz, tudo o que Isaías faz ou diz, ou tudo o que Ezequiel faz, agora recebe validação ou agora recebe autenticidade porque remonta a uma narrativa de chamado, a uma comissão de Deus. Portanto, esses são exemplos de como a crítica da forma pode funcionar em vários textos do Antigo Testamento, identificando as formas distintas e observando sua estrutura, qual o gênero da forma, qual poderia ser seu cenário, o cenário que poderia ter dado origem a tais formas, e então a função ou intenção dessas formas pode ser esclarecedora quando olhamos e tentamos compreender o texto bíblico. No Novo Testamento, a crítica formal parece ter se desenvolvido de maneira um pouco diferente do Antigo Testamento.

Mas também a forma de crítica no Novo Testamento costumava ser associada, tinha três facetas. E a crítica da forma no Novo Testamento, tal como a crítica das fontes, desenvolveu-se, em primeiro lugar, e teve o seu início nos Evangelhos, especialmente Mateus, Marcos e Lucas nos Evangelhos Sinópticos. E a crítica da forma estava muitas vezes mais intimamente ligada a questões de historicidade, à historicidade dos Evangelhos, à historicidade das palavras de Jesus e às coisas que ele fez.

Mas nos Evangelhos, a crítica da forma incluía, especialmente no seu início nos Evangelhos, três facetas diferentes. Em primeiro lugar, a crítica da forma concentrava-se nas formas, nas formas discretas que se encontram nos Evangelhos, e os estudiosos então rotulavam as diferentes formas, como, por exemplo, criariam rótulos como uma história de pronunciamento, uma história contada sobre algo que Jesus fez. ou dito que culmina com um ditado ou um pronunciamento, ou histórias de milagres, ou ditos de Jesus, ou profecias, ou ditos proverbiais, ou discursos. Todos esses foram rótulos típicos dados a diferentes formas encontradas nos Evangelhos.

Assim, o primeiro estágio da crítica da forma foi localizar, identificar e rotular as diferentes formas encontradas nos Evangelhos. Por exemplo, em Marcos, Marcos capítulo 2 e versículos 15 a 17, acho que este é o texto que quero, Mateus capítulo 2, 15 a 17. Enquanto Jesus jantava na casa de Levi, muitos cobradores de impostos e pecadores comiam com ele e seus discípulos, e seus discípulos, porque muitos eram os que o seguiam.

Quando os mestres da lei, que eram fariseus, o viram comendo com pecadores e cobradores de impostos, perguntaram aos seus discípulos: por que ele come com os cobradores de impostos e pecadores? Ao ouvir isto, Jesus disse-lhes: Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim chamar os

justos, mas os pecadores. Isso geralmente é classificado pelos estudiosos como um exemplo de história de pronunciamento.

Observe esta breve história que termina com um pronunciamento ou dito de Jesus, e geralmente com esta forma, o foco passa a ser o dito que culmina a história. Assim, o primeiro objetivo da crítica das formas no Novo Testamento, especialmente nos Evangelhos, era identificar e rotular as diferentes formas. A segunda característica da crítica da forma foi identificar o *Sitz im Leben*, que é o termo alemão que significa o cenário da vida.

Isto é, o cenário que deu origem à forma, e geralmente o cenário, era algo na vida da igreja primitiva. Que acontecimento ou que situação na vida da igreja primitiva teria dado origem a esta forma, teria criado esta forma? A suposição é que este formulário foi útil para alguma coisa. A suposição é que os autores não estavam apenas escrevendo a história pura, mas as formas demonstraram que esta literatura foi útil para algo na vida da igreja primitiva.

Portanto, a tentativa foi não apenas identificar e rotular a forma, mas também identificar o cenário, algo na vida da igreja primitiva. É adoração, seja conflito com o falso ensino, ou com o Judaísmo, ou algo que algum cenário na igreja, o ensino da igreja que deu origem a esta forma. E finalmente, o terceiro elemento da crítica da forma foi a história da transmissão.

Ou seja, a fase oral. Esta forma, novamente, teria surgido, teria surgido em algum ambiente na igreja primitiva, mas depois teria sido transmitida oralmente até o momento em que foi incluída no texto bíblico. E assim a crítica forma estudos nesta fase oral.

Estuda as mudanças que são feitas, o desenvolvimento desta forma até a inclusão no texto bíblico. Ele rastreia a transmissão dessas formas. Provavelmente destes três, para a interpretação bíblica e a hermenêutica, o mais frutífero destes três, penso que foi o número um, a capacidade de identificar a forma e não apenas rotulá-la por rotulá-la, mas identificar a forma de uma forma que seja útil para a interpretação e compreensão do texto bíblico.

Por exemplo, se eu identificar algo como uma história de pronunciamento, o foco disso, o foco da minha interpretação estará no ditado culminante. Esse será o tipo de conclusão do ponto principal. Outra faceta interessante da identificação e crítica de formas é que ela nos ajuda a dar sentido a seções maiores do texto bíblico.

Por exemplo, em Mateus capítulos 8 e 9, Mateus capítulo 8 e 9, parece ser uma seção longa que foi organizada não tanto cronologicamente de acordo com a ordem em que os eventos ocorrem, mas os capítulos 8 e 9 parecem estar organizados baseado em uma forma comum, isto é, histórias milagrosas. Todo o capítulo 8 e 9 de Mateus é simplesmente uma série de histórias de milagres, de modo que a crítica formal parece fornecer a razão de como Mateus 8 e 9 foram organizados. Na próxima sessão, quero continuar a discutir e falar sobre a crítica de forma.

Resumidamente, concluiremos isso e veremos um exemplo das parábolas e dos evangelhos e como essa forma de crítica pode nos ajudar a entender como as parábolas funcionam e como podemos lê-las. Depois passaremos para a terceira forma de crítica dessa tríade que se desenvolveu histórica e logicamente, que é a crítica de redação.